

OS QUILOMBOS URBANOS VERSUS EDUCAÇÃO FORMAL: A SOBREVIVÊNCIA DAS PRÁTICAS CORPORAIS

Antonio Carlos Moraes

Doutor, Práxis-Goiamum-UFES

Soraya do N. F. Cunha

Especialista, Práxis-Goiamum-UFES

Fabíola Borel Marques

acadêmica, Práxis-Goiamum-UFES

Terezinha Moreira dos Santos

Acadêmica, Práxis-Goiamum-UFES

RESUMO

O texto é um estudo sobre comunidades étnicas do Espírito Santo, que vivem um conflito na formação de suas gerações no contexto urbano, frente às instituições de educação formal que se ampliam. A pesquisa aborda práticas corporais que fazem parte da identidade das comunidades buscando respostas nas instituições escolares e religiosas sobre seus projetos políticos e suas orientações pedagógicas acerca de práticas como jogos, brincadeiras e danças que fazem parte do acervo estruturante dos modos de vida das comunidades. As considerações preliminares dão conta de um contexto conflituoso que vai do simples preconceito religioso às políticas educacionais cristalizadas.

SUMMARY

The text is a study about ethnic communities of the Espírito Santo, that live a conflict in the formation of its generations in the urban context, front to the institutions of formal education that if they extend. The research approaches practical that is part of the identity of the communities searching answers in the institutions to school and religious institutions about its projects politicians and its pedagogical conduction concerning practical as games, tricks and dances that are part of the cultural tradition in the ways of life of the communities. The preliminary considerations give account of a conflict context that goes of the simple crystallized educational religious preconception to the politics.

RESUMEN

El texto es un estudio en las comunidades étnicas del Espirito Santo, ese vivo un conflicto en la formación de sus generaciones en el contexto urbano, frente a las instituciones de la enseñanza convencional que si extienden. La investigación acerca a práctico que es parte de la identidad de las comunidades que buscan respuestas en referente a escuela y a las instituciones religiosas en sus políticos de los proyectos y a sus orientações pedagógicos referentes a práctico como juegos, trampea y baila a cabo que es parte de la cantidad del estruturante de las maneras de la vida de las comunidades. Los considerações preliminares dan cuenta de un contexto del conflituoso que vaya de la preconcepción religiosa educativa cristalizada simple a la política.

DO CENTRO À PERIFERIA: A DIFICULDADE DO E COM O DIFERENTE

O presente texto é fruto de um estudo que traz à tona uma discussão acerca da ampliação da educação formal, através de escolas, igrejas e outras instituições, que saem dos centros urbanos em direção às periferias das cidades. Enquanto essas instituições se encontravam nas regiões centrais das cidades, havia uma certa justificativa para que nelas circulassem conteúdos que refletiam e refletem os anseios de homogeneização da cultura. O Brasil em processo de desenvolvimento e em busca da legitimidade internacional, adotaria como modelo de desenvolvimento urbano os projetos europeus e norte-americanos ao longo de suas reformas educacionais e de sua consolidação religiosa de tendência cristã.

No entanto, o desenvolvimento do país, com base em seus modelos, necessitaria de ampliação do quadro de escolarização e a ampliação de seus espaços urbanos periféricos, fruto do crescimento dos quadros de empobrecimento da população, ampliou também a demanda e oferta de uma educação religiosa exercida em templos erguidos em espaços muito próximos dos ambientes de trabalho, de lazer, de cultura e de religiões não-cristãs. Nesse sentido, o desenvolvimento urbano demandou e ofertou, nos últimos cinquenta anos, um deslocamento fulminante dos centros para as periferias das cidades.

Sem querer discutir as vantagens ou desvantagens desse deslocamento, vislumbramos um problema que é visível para as pessoas que lidam com culturas de determinados grupos que habitam as periferias das cidades. Escolas e igrejas são instaladas nos mais diversos espaços sociais e culturais de comunidades centenárias levando consigo uma idéia de cultura homogênea, universalizada e modulada. Mesmo nos centros das cidades, naqueles espaços que se acham fisicamente abandonados frente aos novos modelos de prédios e espaços de lazer e cultura, a ampliação religiosa se faz presente e dificulta qualquer iniciativa de retomada, preservação e revitalização material e imaterial. Espaços como os cinemas do Rio antigo, os casarões de dança de bairros com o Bexiga em São Paulo, os teatros da Zona Boêmia de Belo Horizonte, ocupados por templos evangélicos são exemplos dês tal situação.

OS ATOS DE SOBREVIVÊNCIA DOS POVOS

No Estado do Espírito Santo, além de os centros históricos de suas cidades sofrerem a mesma dilapidação sócio-cultural, algumas regiões, urbanas e rurais, sobretudo urbanas, sofrem com a chegada de escolas e templos que colocam em risco suas identidades culturais e suas relações sociais por meio de um processo de educação institucional que ignora, despreza, discrimina e combate seus conhecimentos seus modos de vida.

Nesse sentido, nosso trabalho foi investigar, na base de mapeamento, as regiões do Estado do Espírito Santo que possuem comunidades que preservam práticas corporais de peso identitário étnico. São regiões que revelam uma identidade étnica de fortes demarcações territoriais, sócio-culturais, religiosas e de traços corporais evidentes. Apesar da miscigenação entre as comunidades mais empobrecidas, traços como cor de pele e a prática de religiões como o luteranismo, de comunidades Pomeranas, Alemãs e Polonesas e a Cabula, de comunidades afro-descendentes, são marcas vivas no Estado.

Em algumas regiões como o norte do Estado, concentrando-se nas cidades de São Mateus e Conceição da Barra, um grande contingente de afro-descendentes e remanescentes indígenas em processo de revitalização tribal. Há uma retomada das questões quilombola e nelas se reconstitui um traço que sintetiza o envolvimento dos dois povos em suas práticas corporais

cotidiana. Danças, jogos, folguedos e religiosidade se confundem embora possamos distinguir marcas significativas de uma e de outra. Na região da Grande Vitória há as comunidades com essas mesmas características, como predominância dos grupos afro-descendentes com evidente traço de sincretismo religioso com a religião católica. Um calendário extenso de atividades crava na suposta “cultura capixaba” a presença da Dança e da Música das Bandas de Congos, que sustentam as festividades dos santos católicos como São Benedito e São Sebastião, preservam uma identidade étnica e garantem a sobrevivência em grupos e famílias que desenvolvem uma produção baseada na Farinha de Mandioca, no artesanato, na pesca e na culinária.

No estágio da pesquisa estamos dedicamos nossa atenção a este último grupo, embora já tenhamos registrado alguns momentos importantes dos descendentes europeus. Fizemos uma série de visitas, ao longo dos últimos 18 meses, às festas e eventos culturais onde se concentram manifestações de cunho étnico de origem afro-descendente e indígena. Nesses momentos, registramos os ritos religiosos, as brincadeiras, as danças e cantos característicos dos grupos. Estamos sobretudo começando a entender os atos históricos de sobrevivência de várias culturas que se transformaram mas ainda vivem em cada traço particular. Nesse sentido, emreendemos uma pesquisa em várias frentes de investigação. Estamos acompanhando as festas, nos aproximando das comunidades, analisando documentos escolares, entrevistando professores e lideranças religiosas e verificando as particularidades das práticas corporais dos grupos.

SOBRE A ESCOLA E SUA FUNÇÃO SOCIAL

No Brasil do século XIX a recomendação sobre a formação do jovem ocidental era explícita. O meio em que se vivia nas regiões urbanas e rurais não era o ambiente ideal para a formação das futuras gerações que pudessem formar a pretendida classe dirigente do país. Intelectuais, religiosos de alto escalão, militares e profissionais liberais de *status* social e funções estratégicas para o estado não seriam educados e formados perto das famílias, consideradas de comportamento social e econômico incompatíveis com a nova ordem de desenvolvimento dos países na modernidade, no mundo pós-revoluções européias e no ritmo de implantação do capitalismo. Gilberto Freyre (1977) foi um dos autores que mais evidenciou o tratamento dado às crianças no século XIX e sua mudança com a implantação da escola moderna no Brasil. Em Sobrados e Mocambos, o texto freiriano revela a nítida necessidade da intelectualidade do higienismo nacional, como médicos, arquitetos e economistas encontrarem uma fórmula para separar crianças da casa grande das crianças da senzala.

A vida boêmia nos centros urbanos, os costumes higiênicos, os hábitos alimentares, a falta de controle das finanças das famílias do campo e da cidade formatava um meio que não contribuiria para colocar o país em condições de possuir um processo de direção e pensar uma república a caminho de autonomia e prestígio internacional, segundo os critérios sociais da nova civilização ocidental e seu modo de produção. O projeto era explícito quando a idéia principal seria formar, nos colégios internos, sujeitos preparados e disciplinados para participar do processo de organização da sociedade a partir da aquisição de hábitos morais, sociais, intelectuais e corporais capazes de lhes fornecer um comportamento diferenciado do restante da população.

Doenças infeto-contagiosas em grande escala, casas com arquitetura insalubre, hábitos alimentares ricos em gorduras animal, falta de preocupação com a questão sanitária e ausência de hábitos de práticas corporais sistemáticas eram problemas sustentados pelas práticas e

comportamentos sociais de um setor que detinha o domínio das decisões sobre os rumos da sociedade. Nesse sentido, quem pensava a possibilidade de o país possuir uma classe dirigente nacional e um desenvolvimento sócio-econômico que acompanhasse a nova ordem da civilização ocidental, haveria de pensar em uma necessidade de mudança de comportamentos dos setores que detinham o poder econômico e político (Costa, 1999).

Por outro lado, as mudanças idealizadas não estavam apenas nas necessidades estruturais do alimentar, do vestir, do morar, do controle financeiro e das práticas corporais sistemáticas. Havia uma preocupação com a formação moral e intelectual daqueles setores que significava a mudança de caráter que pudesse promover uma distinção de classe na política, na produção, na cultura e nas relações sociais em geral. Diferenciar-se na linguagem, no comportamento à mesa, na apreciação de um estilo musical ou na prática de esporte, dança, ginástica, entre outras práticas de acesso restrito ao poder econômico, seria também um requisito para a formatação da nova classe dirigente (Soares, 1994).

Nesse sentido, é possível dizer que a escola moderna brasileira desempenhou um papel de intervenção cirúrgica na tentativa de mudar o comportamento das futuras gerações e, por conseguinte na definição de uma sociedade com distinção de classe nítida desde a infância. Tal afirmação é possível a partir da realidade de que a implantação da escola moderna no Brasil, por volta da segunda metade do século XIX, não previa o acesso a negros e pobres. No entanto, essa intervenção foi de fora para dentro dos meios de convivência coletiva. Os colégios internos portavam a idéia de que a separação da criança ou do jovem do convívio com uma cultura, considerada fora dos padrões de civilização, produziria um efeito significativo na organização do país que se pretendia se desenvolver com reconhecimento e legitimidade internacional.

CULTURA PROFANA E EDUCAÇÃO UNIVERSAL

Apesar do projeto de educação padronizada, preconizada pelos ideais burgueses de educação universal, absolvido integralmente pelas políticas educacionais ao longo da história da educação brasileira, os estabelecimentos de ensino mudaram, as práticas corporais foram sendo modificadas de acordo com o desenvolvimento sócio-econômico e cultural da sociedade brasileira. No entanto, as mudanças nunca suprimiram o eixo central do conjunto de conhecimentos no que se refere à condição de classe e a tentativa de sustentar no interior da educação formal o caráter universal dos conteúdos de ensino. Nessa direção, a prática de elementos da cultura popular continuou a fazer parte do lado profano da formação do jovem cidadão.

Mesmo as escolas que atendem uma camada da população que está muito distante da possibilidade de participar do processo de direção da sociedade por vias comuns, pela ascensão social por meio do nível de escolarização, mesmo sabendo que uma grande parcela de jovens será direcionada a fazer parte da vida produtiva do país por meio do emprego da força de trabalho, ainda assim o conjunto de conhecimento transmitido ao conjunto da sociedade, indistintamente, tem sido aquele que preserva o eixo da cultura erudita como norma geral de comportamento social e os ritos religiosos de base cristã. Mesmo vivendo seguidas reformas educacionais reafirmando o caráter laico da educação nacional, as escolas brasileiras sempre tiveram, na prática, o cristianismo como aliado no processo de educação.

O crescimento do evangelismo no corpo docente das escolas de educação básica é crescente. Nas regiões onde pesquisamos, dentro do cinturão metropolitano, além de professores e dirigentes escolares vinculados às religiões evangélicas, há aqueles profissionais vinculados

quase que naturalmente ao catolicismo que sustentam posições frente à diversidade cultural de forma conservadora. Uma das partes de nossa pesquisa, desenvolvida em monografia por Saane Souza (2006), aponta uma liderança religiosa, católica evangélica, que se posiciona claramente contra conteúdos escolares que possam veicular valores práticas culturais que possam colocar em risco a hegemonia cristã.

Entrevista com componentes de um grupo de Jongo de São Mateus revelou-nos que, apesar da escola local abrigar grande quantidade de alunos oriundos dos quilombos da região, o planejamento escolar ignora a existência da diversidade cultura da cidade e, quando o Jongo é convidado a se apresentar na escola é tratado como algo pitoresco, rudimentar, primitivo. A líder do grupo revela que as vezes o grupo se apresenta porque ela é funcionária da escola e sugere a ida do grupo sempre que há alguma festa.

É uma forma dos alunos do quilombo mostrarem a sua cultura. Pena que só dão aquela hora do recreio pra gente se mostrar. Quando o sinal bate, as professoras saem recolhendo os alunos. Não dá pra mostrar muita coisa, mas a gente insiste. (Nêga. Líder do grupo de Jongo de São Mateus)

Enquanto os documentos oficiais, produzidos por consultores e intelectuais das universidades, chegam às escolas com grande apelo para as questões sobre a diversidade cultural, as identidades dos grupos, etc., as comunidades escolares ainda não sabem como lidar com o cotidiano e com as diferenças que surgem em cada região em que as escolas são instaladas. No caso das regiões pesquisadas por nós há uma particularidade. Vários grupos étnicos estão se revitalizando a partir da melhora de condições de vida, da descoberta de estudiosos, das intervenções de instituições de preservação cultural e do reconhecimento interno e externo de muitas comunidades. Com a chegada de escolas com professores alheios à realidade cultural local e a instalações crescentes de igrejas, os movimentos de aceitação, rejeição, discriminação e intolerância se ampliam.

No início no final do mês de abril de 2007, na realização da 1ª. Semana de Resgate Quilombola, no sítio histórico de São Mateus, tentávamos registrar algumas cenas de Jongo e Reis de Bois, dança e folguedo da região, quando nossa captação de som foi extremamente prejudicada, por uma sonorização em alto volume, produzida por grupo de evangélicos que se instalou ao lado do espaço reservado às manifestações previstas. Dificuldades desta natureza são presenciadas em quase todos os eventos étnicos, segundo os participantes dos grupos que se apresentavam.

SOBRE AS PRÁTICAS CORPORAIS

Quando tratamos de atividades da natureza do objeto em foco, encontramos uma situação paradigmática: quanto mais observamos uma infinidade de formas e motivações sociais que remetem a inúmeras modalidades de dança e brincadeiras como as Cirandas, Cocos, Congadas, Sambas, Folia de Reis, Ticumbi, Frevo, Bois, Caboclinhos, Catira, Maracatus, dentre outras, mais se observa que a escola está muito distante de uma integração com as comunidades. Tal situação pode pressupor que há, de fato uma resistência ao saber popular e uma tentativa de incorporar os elementos universalizados e reificados ao interior das comunidades. Prevalece então, a lógica do saber absoluto dos grupos dominantes sobre a diversidade cultural.

Nossa investigação bibliográfica teve como principal fonte o conjunto de pesquisadores do folclore no Espírito Santo. Dentre vários, Osório (1999), faz uma coleta das comunidades no Espírito Santo com grande influência no mapa folclórico. Dentre as tradições populares é

visível a permanência de práticas como o Ticumbi, Bandas de Congo, Tambor de Caxambu, Jongu, Ternos de Reis, Folias de Reis, Bois de Reis. Todas de forte apelo étnico, religioso e de resistência sócio-econômica e cultural.

Apuramos, a partir dos dados coletados e organizados algumas situações de grande importância para entendermos as relações sociais no campo pedagógico.

Conseguimos mapear uma quantidade significativa de comunidades que praticam com grande frequência, praticamente semanalmente, alguma dança ou brincadeira características de seu grupo étnico, sobretudo afro descendente e índio. Ampliando-se o raio para pouco mais de 60 quilômetros, fora da região metropolitana, pudemos acrescentar outros grupos étnicos, de descendência européia que também possuem práticas populares não vinculadas à cultura erudita. Tal situação credita às manifestações a condição de cultura popular, de prática permanente e viva. Logo, possível de sistematização pedagógica.

O mapeamento identifica uma forte ligação de movimentos de sobrevivência e autonomia sócio-econômica e cultural dos grupos que praticam as manifestações com mais frequência. A circulação de produtos da pesca, do artesanato, da culinária e a manutenção dos rituais religiosos dependem diretamente da sustentação de tais práticas no cotidiano. Possui, nesse sentido, relevância sócio-cultural e se justifica como conhecimento socialmente referenciado apropriado ao currículo da escola contemporânea.

Apesar de tais práticas fazerem parte do cotidiano das comunidades, quebrando a lógica tradicional que as rotula de folclóricas, no sentido pejorativo, as escolas instaladas nessas comunidades, em sua maioria, não tratam tais atividades como conhecimento a ser sistematizado e transformado em conteúdo escolar. Os motivos são vários e não convém nesse pequeno espaço querer abrir discussão. No entanto, é possível observarmos que a formação dos professores, currículo conservador e pressões religiosas são eixos centrais para uma discussão mais demorada e aprofundada acerca dos motivos possíveis.

ACERCA DA BLINDAGEM SOCIAL

Em um primeiro momento, estamos em permanente mapeamento dos focos de manifestação da cultura popular no Estado do Espírito Santo. Este estudo possibilita uma visão do que denominamos de *educação blindada*. As regiões pesquisadas possui um conjunto significativo de comunidades que produzem e preservam práticas corporais de nítida ligação étnica. Tais práticas são elementos centrais das relações sociais e humanas, uma vez que o lazer e a produção cultural e de subsistência estão diretamente vinculados às práticas preservadas. A localização das comunidades que expressam sua cultura através das danças, dos jogos e brincadeiras populares, bem como as escolas e igrejas instaladas em seu interior, fortalecem a evidência de que as relações entre os projetos políticos pedagógicos das escolas e o conhecimento produzido e preservado pelas comunidades são conflituosas, levando-se em consideração que existe duas visões historicamente diferentes entre o que se deve ensinar no ambiente. De um lado, a suposta cultura clássica, homogênea e hegemônica veiculada pelas grandes organizações de eventos e pela mídia em geral e de outro lado, a especificidade regional, étnica e popular das comunidades, presentes nas manifestações de cultura popular.

Entretanto, o cotidiano escolar não revela tal conteúdo como uma prática estruturante e constituinte da educação escolar. Há uma certa confusão entre as danças que apresentam possibilidades de práticas de acordo com o contexto no qual está inserido a escola e a dança

veiculada nos espaços midiáticos, que exigem estrutura e elementos identitários muito distintos do contexto da comunidade escolar.

A cultura popular, de acordo com Silva (2005), é facilmente identificada e associada ao tradicional, ao regional e ao folclore. É por meio desta caracterização que a cultura erudita se sobrepõe a outras formas de expressão, as populares. A classe hegemônica refere-se a cultura popular como algo primitivo. As análises acerca desta temática se distanciam dos reais valores e significados subjacentes ao universo popular *que o tratamento dado ao popular vincula-se a uma concepção evolucionista de cultura, em que se consideram determinadas formas atrasadas*. Silva (2005, p.53).

A respeito desta concepção, Chauí (1996) propõe uma via que destaca a dialética entre a visão romântica e a elitista. A primeira vê a cultura popular como algo que é feito pelo povo e que por este fato é bom e verdadeiro. A segunda visão defende que o que o povo faz é antigo e atrasado e que necessita ser melhorado, evoluir e tornar-se civilizado. A autora propõe uma dialética entre as duas visões por considerar que elas estão em constante movimento.

Assim, estamos estudando as possibilidades de se entender no processo de escolarização da educação, a inserção das práticas corporais de origem popular na escola, por meio de disciplinas e programação temática, como forma de produzir na escola um espaço estratégico para a discussão da cultura popular. Isso implica, de acordo com Vago (2003), considerar as tensões resultantes entre práticas relacionadas na escola em concorrência com outras que têm lugar na rua, na família e no trabalho.

As Danças, as brincadeiras e outras manifestações populares existentes no Espírito Santo integram aquilo que chamamos de síntese cultural. As grandes influências regionais são refletidas no processo de criação, reprodução e transformação de práticas muito relacionadas com o contexto cultural, religioso e econômico do Estado. Na região da Grande Vitória e no norte do estado o quadro não é diferente, mas exhibe-se um forte componente urbano em meio aos traços ainda rurais que permanecem em bairros tradicionais, em bairros emergentes com base no êxodo recente (o êxodo no Espírito Santo não significa abandono total das raízes interioranas), em vilas de pescadores e em remanescentes de quilombos.

Diferente das áreas rurais do estado, a região pesquisada possui nestas comunidades prédios escolares que atendem uma quantidade significativa de moradores que praticam atividades tradicionais ligadas à produção, ao lazer e às várias manifestações de cultura popular, sobretudo vinculadas à religiosidade. Nesse sentido, há elementos concretos que demandam uma proximidade com a escola, no sentido que se exija discussões mais amplas acerca do currículo escolar e da tolerância religiosa.

Podemos afirmar que o processo de produção de bens materiais e culturais das comunidades está intimamente ligado às manifestações da cultura popular. Exemplos significativos são as inúmeras bandas de Congos que ressurgiram em função de melhorias estruturais das comunidades que insistiram na forma tradicional de produção e preservação do meio-ambiente em que vivem.

POSSIBILIDADES RUMOS À DIVERSIDADE CULTURAL

A partir da produção de novos documentos oficiais acerca da condição do processo educacional brasileiro, nos desdobramentos da nova lei de diretrizes e bases da educação nacional no Brasil, algumas mudanças na forma de tratar as diferenças e particularidades da população escolar no Brasil têm aparecido no cenário da organização do trabalho pedagógico da educação básica. A produção oficial, que em um primeiro momento se baseou na

formulação dos chamados Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e trouxe à tona a questão do contexto escolar, da interação disciplinares, da interação dos conhecimentos para-disciplinar e das particularidades e condições objetivas das comunidades escolares.

Os desdobramentos dos documentos oficiais, em combinação com a produção independente de grupos de pesquisa e estudos presentes em todo Brasil, acena permanentemente com a possibilidade de uma intervenção contra-hegemônica no quadro da educação brasileira, no que diz respeito às práticas corporais, principalmente nos níveis de ensino que atendem a jovens e adolescentes. Essa recomendada intervenção se situa fundamentalmente no campo de idéias que privilegia o protagonismo juvenil e as culturas juvenis como forma de renovação das práticas pedagógicas e de consolidação da presença da comunidade escolar na formulação do projeto político pedagógico de cada escola.

Enquanto textos como o da LDBEN, de 1996, diz que a Educação Física deverá respeitar as condições e particularidades da escola, permitindo assim, uma maior flexibilidade no trato pedagógico frente ao padrão universal de ensino de esportes, ginástica, dança e outras práticas corporais tidas como clássicas, a prática em boa parte das escolas ainda continua vinculada ao modelo conservador de privilegiar o esporte de identidade olímpica, a ginástica comercial e a dança de espetáculo identificada com os elementos do Ballet (clássico, moderno e contemporâneo) com forte traço erudito. Desta forma, o conhecimento universalizado, sem identidade regional, de apelo generalista e sem reconhecimento da diversidade cultural e étnica, se fez hegemônico e única possibilidade no terreno escolar.

No entanto, a ampliação da educação escolarizada e a instalação de escolas nas periferias urbanas, nos povoados rurais e em comunidades de forte ligação étnica não mudou a realidade das práticas políticas pedagógicas das escolas frente aos conhecimentos produzidos e preservados pelas comunidades atendidas pelas escolas. Tais conhecimentos estão presentes nos bairros periféricos com seus jogos, suas brincadeiras, suas comemorações. A religiosidade de algumas comunidades e grupos étnicos revela danças e folguedos de forte significado cultural e de identidade de formação dos povos que compoem a população brasileira.

A ampliação da educação no Brasil coloca a política educacional frente a uma diversidade cultural muito abrangente e, quando a escola chega aos bairros e comunidades de ocupação específica, do ponto de vista étnico, seja urbana ou rural, o conflito é inevitável. Se não explícito nos embates políticos entre comunidade e escola, por certo nas relações pedagógicas no interior da escola onde o conflito aflora em fenômenos como repetência e evasão.

Contudo, a história da educação brasileira não pode deixar de registrar que as coisas não são tão estáticas como parece. Apesar do predomínio do que chamamos de escola blindada, é possível percebermos um movimento contra-hegemônico que modifica a escola de fora para dentro, inquietando a comunidade escolar, frente ao auto-resgate da cultura popular latente das comunidades, que produzem e preservam movimentos culturais que se mostram como conhecimento a ser socializado e sistematizado pela educação escolarizada, como é o caso das danças, jogos e brincadeiras populares.

REFERÊNCIAS

AVILA, A.B; OLIVEIRA, P.D; PEREIRA, L.G. “Hip Hop e Cultura: Revelando algumas ambigüidades”. In: SILVA, A.M.; DAMIANI, I.R. (orgs). **Práticas Corporais**. Florianópolis: Nauembla Ciência e Arte, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, B823p, 1997.

CONRADO, A.V.S. Danças Populares Brasileiras. **Revista da Bahia**.V.32, n.38.Maio, 2004. p.36-46.

COSTA, Jurandir. Ordem e norma familiar. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

FREYRE, Gilberto. Sobrados e Mocambos. Rio de Janeiro: Guanabara, 1977.

KUNZ, Maria do Carmo Saraiva. “Dança na escola: a criação e a co-educação em pauta”. In: KUNZ, Elenor (org.). **Didática da Educação Física 1**. Ijuí: Unijuí,1998.

_____.Ensinando a dança através da improvisação. **Motrivivência**, ano 4, nº 5 ,6 e 7,dez,1994,p.167-169.

MIRANDA, Maria Luiza de Jesus. A dança como conteúdo específico nos cursos de educação física e como área de estudo no ensino superior. **Revista Paulista de Educação Física**, v.8,nº2,jul./dez,1994,p.3-13.

OSÓRIO, Carla. **Negros no Espírito Santo**.São Paulo: escrituras editora,1999.

PACHECO, Ana Júlia Pinto. A dança na educação física: uma revisão da literatura. **Anais do XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, vol II, (pp. 117-124), Florianópolis, SC.**

SECULO DIARIO. Folclore do Espírito Santo. Disponível em: <<http://www.seculodiario.com.br/folclore/tradicoes/index12.htm>>.Acesso em 24 ag.2006.

Soares, C.L. **Educação Física: Raízes européias no Brasil**. São Paulo: Autores Associados, 1994.

SOUZA, Saane. Representação Social de lideranças religiosas acerca da Educação Física. Vitória: Cefd, 2006.

Antônio Carlos Moraes
Rua Rio Tietê, 07, Hélio Ferraz – Serra-ES. 29160-620
27-33357812. moraes_2002@yahoo.com.br